



Zamoysky, Cabeça, granito, 1918

Um trabalho da fase cubista do ilustre escultor, que Habitat apresenta hoje aos seus leitores: escultura esta que testemunha ter o artista participado dos movimentos da vanguarda, hoje, infelizmente repetidos, após trinta ou trinta e cinco anos, sem ligação nenhuma com a época e com o espírito da época

O escultor Zamoysky

Zamoysky, Les Deux, 1922



Como já lembramos aos nossos leitores (Habitat 1) o Museu de Arte, sempre mais interessado com a educação dos jovens, pensou em estabelecer novas escolas, desta vez não mais na sede do próprio Museu que está se tornando sempre mais apertada pelo constante aumento da pinacoteca. Estas escolas necessitarão de muito espaço e respiro, pois trata-se de: 1. Escola de escultura; 2. Escola de afresco; 3. Escola de Cenografia; 4. Escola de Cerâmica. Pensou-se portanto de adquirir amplos terrenos no novo bairro do Morumbi, e nesta zona serão construídos os estúdios.

Damos esta informação para anunciar que a orientação da Escola de Escultura será entregue a Augusto Zamoysky, o escultor polonês, que após um brilhante passado na Europa e na América, vive, desde muitos anos no Rio de Janeiro, onde estabeleceu uma importante escola da qual todos têm grato recorde. Zamoysky acredita no ideal clássico, no sentido de perfeição da forma segundo a interpretação da natureza. Provém êle de uma família aristocrática de Varsóvia, cujo palácio era um famoso centro de reunião cultural e artística.

Apesar das repetidas interferências de guerras que agitaram seu país, Zamoysky dedicou sua vida à arte, tendo estudado a escultura na Alemanha e na França, e ensinado em Varsóvia. A escola estabelecida no Rio de Janeiro seguiu o molde da outra escola que êle tinha na Polônia, isto é, um atelier no qual os jovens aprendem esta arte, sendo que seus trabalhos são vendidos com um benefício dividido igualmente entre todos.

Auguramos que este mesmo espírito de cooperação e camaradagem reine entre os futuros alunos da Escola de Escultura.

Zamoysky, Retrato de Adolf Loos, 1917

Dedicando estas páginas á obra de Augusto Zamoysky, temos a oportunidade de publicar em Habitat um breve ensaio inédito de Adolf Loos (1870 - 1933), o grande arquiteto de Viena que pode ser considerado um dos profetas da nova arquitetura. Uma sua construção do ano 1910 em Viena é o primeiro monumento racionalista. O que distingue Loos de seus contemporâneos é a concepção espacial, em cujo nome sacrifica éle a decoração. Os volumes externos das construções de Loos são em geral caixas fechadas, estereométrias que apenas deixam entrever que dentro delas há vida. Mas no interior sucedem-se fantásticos jogos da fantasia, volumétrica e espacial. Experiencia valiosa foram suas repetidas viagens aos Estados Unidos, onde em contacto com o racionalismo americano, conseguiu assimilá-lo e elaborá-lo com consciência e espírito europeu. O ensaio se refere a obra de Zamoysky.



O retrato, a semelhança e a arte

O fútil quer que a imagem seja um retrato. O fútil tem razão, pois o artista intitula a obra com um nome de pessoa, e com isto éle quer dizer que está apresentando esta determinada pessoa. Com isto éle também se responsabiliza pela reprodução não de uma pessoa qualquer porém desta mesma pessoa.

Todavia o fútil, influenciado pela fotografia na pintura e pela cópia em gesso na escultura, possue uma falsa concepção da semelhança; supõe que os traços do rosto devem ser reproduzidos no papel, na tela ou na escultura do mesmo modo como se refletem na retina.

Verdade é que com isso nada se revela do ser íntimo da pessoa.

É preciso vencer muitas dificuldades para chegar, través da forma, ao ser, à esséncia da pessoa. A fotografia ou a cópia em gesso só podem apresentar o rosto em um determinado estado de espírito. Sem falar na pose, que cada indivíduo assume e que nada diz a seu respeito, uma determinada situação não tem valor nenhum para o retrato. O fariseu à espreita, no quadro da moeda de censo, de Tiziano, ou o risonho tocador de alaúde de Frans Hals não são retratos.

Tão pouco a forma precisa de um rosto imóvel nada revela sobre a forma. Jamais a forma externa consegue dar a verdadeira impressão que temos da pessoa ao nosso lado. Formas nobres podem causar uma impressão vulgar, formas vulgares podem

causar uma impressão nobre. Um nariz grande pode aparentar pequeno, um nariz pequeno pode parecer grande.

A esséncia da pessoa, sua auréola, capaz de transformar o recinto em que se encontra, capaz de modificar o outro indivíduo que confronta, rejeita totalmente todos os meios mecânicos do retrato artístico.

Grandes são pois a responsabilidade e a tarefa do artista que se entrega ao retrato. Muitos pintores e desenhistas conseguiram incluir na evolução natural de sua obra a arte de retratar.

A pintura joga com superfícies, a escultura joga com o espaço.

O pintor que trabalha com duas dimensões não enfrenta o mesmo problema que o escultor que considera tres — a terceira dimensão constitue uma simplificação para o leigo e significa uma dificuldade a mais para o artista.

Exijo do artista o domínio do espaço. Levando em conta o retrato, exijo que o pintor, por sua vez, ao projetar suas formas sobre a superficie, saiba ao mesmo tempo, dar vida a todos os ângulos. Incumbência que não cabe ao escultor. As dificuldades a serem vencidas por este, parecem quasi que invencíveis.

O escultor está a procura de uma lei da forma. Uma vez achada esta lei cúbica, seu encargo é saber integrá-la ao ser da pessoa.

É verdade que alguns escultores, como Archipenko, enfrentaram construção da

forma, todavia não seguiram o caminho acima apontado.

A meu ver o conde Augusto Zamoysky é o primeiro escultor a seguir esta trilha até o fim.

Este livro contém reproduções fotográficas de quadros. Pouco ou nada revelam da obra em si. Em outro lugar já chamei a atenção para a impossibilidade de considerar como pintura uma obra gráfica ou pictórica que se pode representar plásticamente. (Quadros vivos, o tirolês de Defregger no panóptico). Um crepúsculo de Monet não pode ser representado no panóptico. Do mesmo modo uma obra de arte cúbica jamais pode ser representada em superfície plana.

No livro que inclue recordações das obras de Zamoysky, consistindo apenas em fotografias, torna-se necessário dizer algo sobre o método de trabalho do artista. Executou em 2 horas, em minha residência, um busto naturalista que poderia valer como obra perfeita para todo aquele que não deseja penetrar no mistério e na lei da forma. Zamoysky porém levou o busto para o seu atelier onde deveria servir de modelo para o seu trabalho. Compreendo perfeitamente esta sua maneira de proceder — para descobrir o mistério da forma é necessária a solidão.

Embora não vejam o meu globo ocular, todos os que contemplam meu busto asseguram que élé retém, misteriosamente, a força do meu olhar.

ADOLF LOOS



Augusto Zamoysky, Cabeça, mármore

Uma das esculturas executadas no Rio de Janeiro. Zamoysky trabalha o mármore com uma perícia digna dos antigos e consegue dêste material uma extraordinária suavidade de forma



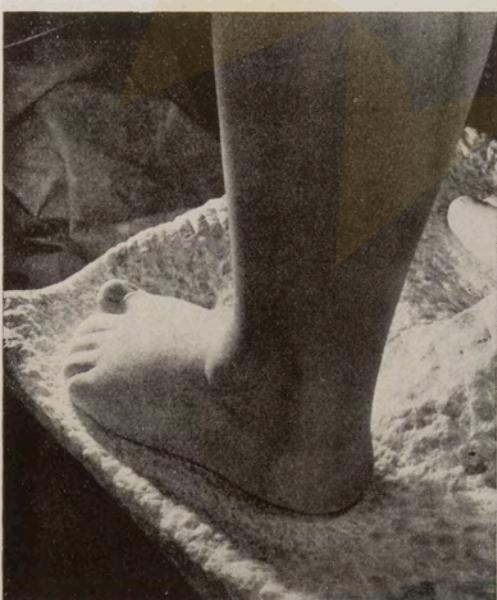
Zamoysky, *Nu*, granito, 1934

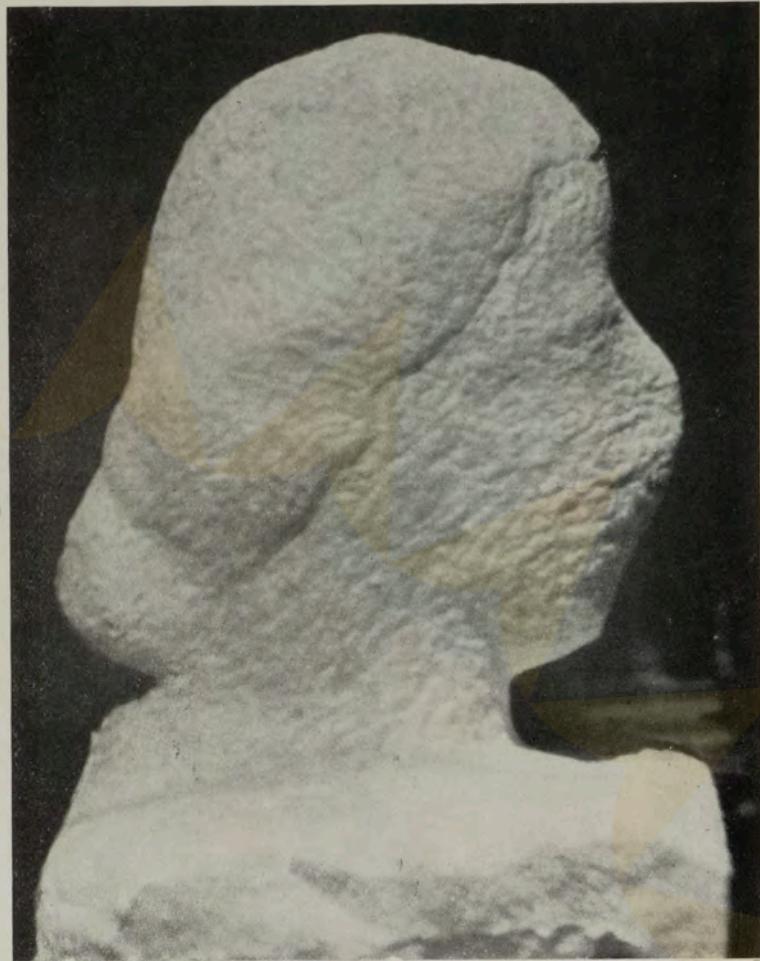
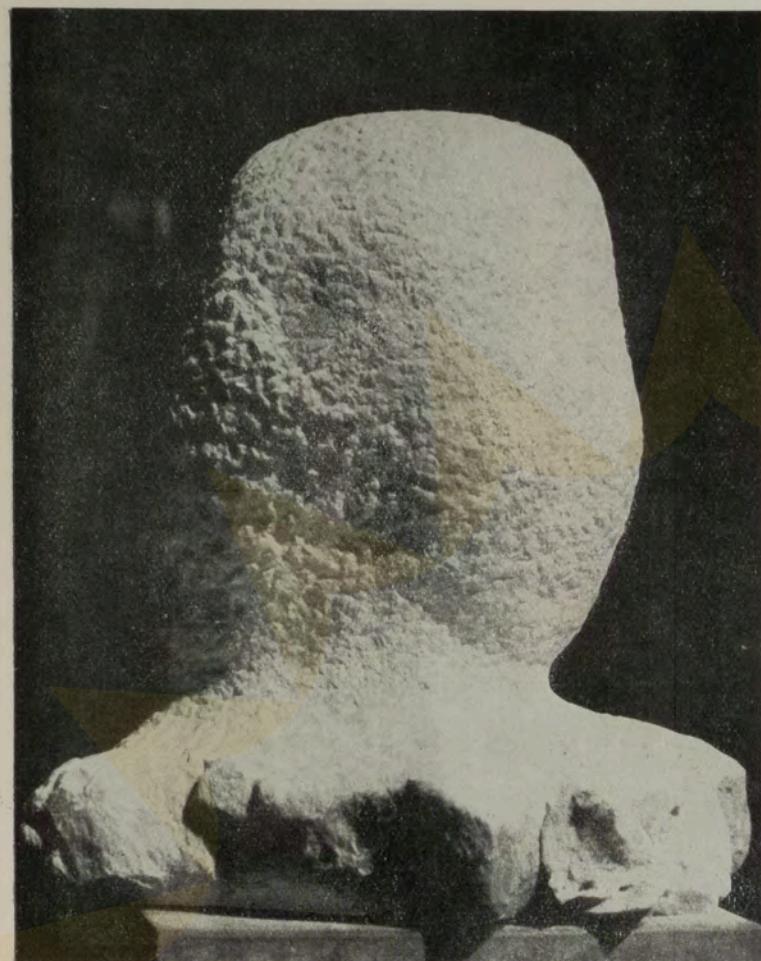


Zamoysky, *Estudo*, bronze,
para a estatua da *Rhea*

Zamoysky, *Venus*, 1939

Detalhe da *Rhea*, mármore





A metamorfose duma cabeça em mármore de Zamoysky. Miguel Ângelo dizia que uma escultura já existe no bloco de mármore: trata-se sómente de libertá-la de tudo o que a envolve.



O escultor sente a forma maciça e corpulenta, tem o prazer das curvas, da musculosidade. Dir-se-ia que a época inaugurada pelo romantismo de Miguel Ângelo está durando ainda hoje. A beleza do material, o mármore, o bronze bem trabalhado, aumentam o valor da escultura de Zamoysky



Zamoysky, Cabeça, granito, 1931, "Grand Prix" de escultura, Paris, 1937

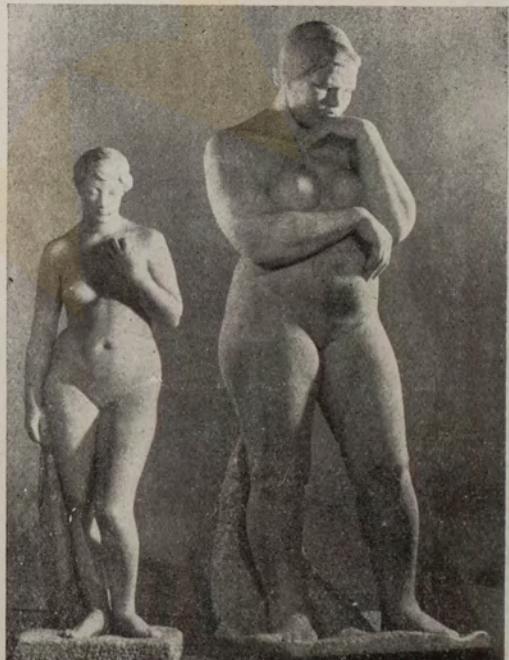


Zamoysky, Marmore de Serravezza



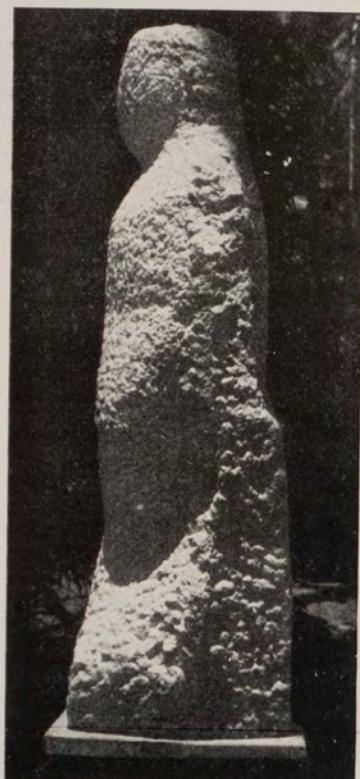
Zamoysky, Retrato Príncipe Zanguszko, 1943

Zamoysky, Venus e Rhea





Metamorfose duma estátua executada por um aluno de Zamoysky



Numa escola de escultura é necessário antes de mais nada, aprender a técnica. Éste é o intuito da futura escola do Museu de Arte, nos novos ateliers de Morumbí



Pampulha, estátua de Zamoysky, no conjunto arquitetônico de Oscar Niemeyer